

## Múltiplos olhares sobre a infância contemporânea

Andrea dos Santos Leite Oliveira<sup>1</sup>  
Pablo Rodrigo Bes Oliveira<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo se insere no campo dos Estudos Culturais em Educação e analisa algumas das diversas concepções que circulam em nosso meio e acabam posicionando e construindo uma infância a ser vivida pela criança pequena. Destaca o aspecto dos discursos como constituidores da realidade infantil e procura ressaltar que a concepção de infância idealizada como período único e especial da vida deva ser revista e reconfigurada. Dessa forma, as infâncias, cronológica, histórica, com etapas de desenvolvimento bem demarcadas, progressiva, vista como experiência, desrealizada, hiperrealizada ou ciber serão tematizadas na presente escrita.

**Palavras-chave:** Infância, crianças, estudos culturais.

### Multiple views on contemporary childhood

#### Abstract

This article is within the field of Cultural Studies in Education and examines some of the different concepts that circulate in our midst and end positioning and building a child to be lived by young children. Highlights the aspect of discourse as constituents child reality and seeks to emphasize that the concept of childhood idealized as unique and special period of life should be revised and reconfigured. In this way, childhood, chronological, historical, with stages of well-demarcated development, progressive, seen as experience, derealized, hyperrealized or cyber will be thematized in this paper.

**Keywords:** Childhood, children, cultural studies.

### Afinal, o que é a infância?

A infância, entendida em primeira instância como potencialidade é, afinal, a matéria-prima das utopias, dos sonhos políticos dos filósofos e educadores. Walter O. Kohan.

<sup>1</sup> Especialista em Gestão e Tutoria em EAD – UNIASSELVI. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário La Salle – Canoas.

<sup>2</sup> Mestre em Educação/ULBRA. Orientador.

Ao escrever este artigo os autores procuraram deslocar e tensionar seus próprios pensamentos e buscar o estranhamento de conceitos antes tão seguros e bem estabelecidos sobre o tema. Por tratarem os estudos culturais de temas voltados a nossa cultura e esta, por sua vez, ser vista, de acordo com Hall (1986a) como o “terreno real, sólido, das práticas, representações, línguas e costumes de qualquer sociedade específica”, iremos analisar um dos conceitos que carrega consigo diversas práticas e variadas representações e que se traduz em objeto de minhas pesquisas e de inúmeros outros autores: a infância.

Nossa intenção é ressaltar alguns dos vários significados que são atribuídos à infância. Não pretendemos, porém, destacar um significado mais correto ou mais adequado de infância e, sim demonstrar como estes conceitos são produzidos através dos discursos e o quanto se fazem reais por intermédio destes. A divisão das subseções somente é feita para ressaltar algumas das formas como a infância é referenciada discursivamente, embora saibamos que estas várias maneiras podem ser visualizadas ao mesmo tempo e suas características encontram-se mescladas socialmente.

Segundo Jorge Larossa (1998, p. 230) “A infância é algo que nossos saberes, nossas práticas nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher”. Ainda assim, existe espaço para que possamos problematizar e propor novas facetas de análise sobre este campo de estudos tão fértil e importante.

### **A Infância inventada**

A ideia banalizada ou corriqueira de infância idealizada nos dias de hoje diz respeito a um período especial da vida cronologicamente demarcado no desenvolvimento de um ser criança. Este ser em formação, com suas características facilmente identificáveis, como a fragilidade, inocência, imaturidade, pureza, certa impotência motora e cognitiva, um tanto primitiva e inacabada, nem sempre foi visto dessa maneira. Houve épocas em que a

infância não era ao menos conhecida ou, melhor dizendo não se revestia da importância que lhe é atribuída contemporaneamente. Entre os séculos XII à XVI, Philippe ÁRIES (1973) através de suas pesquisas, principalmente iconográficas, relacionadas ao estudo das artes, nos afirma que era como se “não houvesse lugar para a infância nesse mundo” (p.50).

A criança não era vista como um ser que requeresse atenção especial ou os mínimos cuidados em relação a sua constituição diferenciada do ser adulto. As crianças eram vistas como mini-adultos, sendo inclusive representados nas pinturas exatamente como adultos, porém em estatura menor. ÁRIES (1973) ainda cita que não se pensava como normalmente acreditamos hoje, que a criança já contivesse a personalidade de um homem. Elas morriam em grande número. Tanto era assim na época referida pelo autor que as crianças que morriam precocemente não eram enterradas em cemitérios junto à sua família e, provavelmente, em algum terreno qualquer como se fosse algum animal doméstico, cão ou gato.

Um dos fatores que colaborou para que a criança desta época não recebesse um olhar mais atento deve-se à sua alta taxa de mortalidade, pois não era possível prever quantos dos filhos e filhas nascidos sobreviveriam nesse período. Naquela época, somente quando a criança atingia uma idade um

pouco mais avançada que se fazia enxergar e era então considerada de fato como pertencente àquela família. Os cuidados morais e de proteção em relação às questões sexuais também não existiam, sendo as crianças envolvidas em práticas e brincadeiras que hoje não seriam de forma alguma aceitas em nossa sociedade, sendo inclusive consideradas crime.

O avanço nas práticas de saúde e higiene colaborou para que a criança fosse vista como alguém que, por viver numa época privada de autonomia e incapaz de conduzir-se na vida em comparação com o ser maduro, jovem ou adulto, necessitava de uma atenção especial sobre a mesma. Começando então a inserção dos cuidados com a criança e a construção ou invenção deste conceito de infância como uma fase da vida, merecendo um olhar protetor que irá surgir com a Modernidade, aliada ao surgimento da própria escola, nos séculos XVIII e XIX.

Mas o que ocorreu e como chegamos à noção de infância adotada socialmente nos dias de hoje? O que gostaria de ressaltar novamente que esta ideia de infância é uma construção histórica, conforme afirma MAYALL, “A vida da criança é vivida através de infâncias construídas para elas, a partir de compreensões dos adultos sobre a infância e sobre o que as crianças são e devem ser”. (1996, p.1) Logo, as compreensões dos adultos sobre esse ser criança fizeram com que esta época, a infância, fosse constituída e recebesse essa roupagem como se encontra hoje, conforme traz COSTA (2007) – “nossas idéias sobre as coisas constroem as coisas” (p.17).

### **A Infância desaparecida**

Uma das discussões que se encontra em pauta nos últimos anos relacionada com o tema enfocado por estes escritos, a infância, diz

respeito ao desaparecimento desta. Claro que temos que entender que tais autores tratam do desaparecimento desta infância constituída como fase especial da vida, na qual a criança encontra-se como um ser em formação, cumprindo etapas em seu processo de desenvolvimento. Agrega-se nesse conceito a idéia moderna de progresso entendendo que cada etapa complementa e aprimora a anterior, levando a criança a se tornar um ser melhor e mais completo no futuro.

Tal desaparecimento, segundo Postman, verifica-se na projeção dada pela mídia às crianças, ou seja, como houve um aumento de propagandas e artefatos publicitários que trazem como seus principais personagens as crianças, porém sem apresentarem-se de modo infantil, nem em roupas próprias dessa idade ou condição, nem em atitudes esperadas para essa fase. POSTMAN (2002) nos diz que "... a TV tenta refletir os valores e estilos dominantes. E em nossa situação atual os valores e estilos da criança e os dos adultos tendem a se fundir" (p.142). O autor retoma a questão da criança posta como um mini-adulto, agindo como tal, vestindo-se com roupas que caracterizam a fase adulta como atualmente caracterizada ou descrita.

Podemos nos opor as ideias de Postman em decretar o desaparecimento da infância, simplesmente por estes motivos, fazendo nossas as palavras de Kramer (2000), que diz "Não concordo com a visão de que a história acabou, de que se trata do fim das teorias, do fim da infância"(p.12). Acreditamos que o que ocorre hoje é, sim, uma reconfiguração dos significados. Não podemos

comparar a visão de mini-adulto posta nos estudos de Ariès, através da análise dos quadros onde apareciam crianças vestidas com roupas adultas até porque naquela época ainda não existiam roupas voltadas especificamente ao público infantil. Hoje, ao contrário, existe toda uma indústria do vestuário infantil e juvenil criada para esse público, porém questionamos, estarão as crianças aceitando ou percebendo nestas roupas infantis aquilo que gostariam de usar? Existe uma identificação, por assim dizer da criança com este vestuário? Uma nova infância existe atualmente que foge a todos os conceitos anteriormente construídos, que mescla características de cada um, não rompendo com os demais e espalhando-se por outras facetas antes não vislumbradas.

De fato, o mundo adulto e infantil se funde e é comum observarmos também os adultos vestindo-se com roupas criadas para públicos infantis e/ou juvenis, o que demonstra a reconfiguração da infância moderna (bem como de outras idades e fases) que tinha como característica, entre outras, a separação do mundo adulto e das crianças.

Em relação à publicidade, ao associar suas imagens e seus textos procurando destacar ou incentivar o consumo de algum item em questão, acaba por suscitar novas ideias e significados sobre o mundo e a maneira como vivemos. Na indústria voltada para o público infantil temos inúmeras campanhas publicitárias focadas no consumo de certos brinquedos que capturam os filhos com objetos de desejo e aos pais como prêmios ou recompensas aos seus pequeninos. Kellner (2009), ao referir-se à publicidade diz:

Embora os apologistas da indústria da publicidade argumentem que a publicidade é predominantemente informativa, um exame cuidadoso das revistas, da televisão e de outros anúncios imagéticos indicam que ela é avassaladoramente persuasiva e simbólica e que suas imagens não apenas tentam vender o produto, ao associá-lo com certas qualidades socialmente desejáveis, mas que elas vendem também uma visão de mundo, um estilo de vida e um sistema de valor congruentes com os imperativos do capitalismo de consumo. (Kellner, 2009, p.113).

Especialmente no Brasil, embora exista no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) menção ao direito da imagem da criança, percebemos que recentemente estão sendo discutidas as restrições ao uso da criança nos artefatos publicitários, ou referentes ao horário em que tais anúncios serão veiculados, muito menos ao uso da própria imagem infantil, visualizamos diariamente inúmeros comerciais com personagens infantis vendendo produtos diversos. O que, porém, não é suficiente para marcar o desaparecimento da infância e sim a sua utilização e a apropriação do sujeito-criança nesta roda da produção e do consumo, típico da atual sociedade de consumidores<sup>3</sup>.

A criança é ensinada a consumir já desde muito cedo, quando assiste aos primeiros programas televisivos, quando realiza seus primeiros passeios pelas ruas com seus pais, quando lhe é oportunizada a escolha de algum item num processo de compra. Através dos desenhos e programas voltados ao público infantil, através do uso de jogos eletrônicos e de suas imersões online pela internet, imagens são projetadas e passam a ter lugar na mente dos pequenos. Passam

---

<sup>3</sup> Por Sociedade de Consumidores entendemos uma sociedade onde a cultura do consumo se mostra dominante nas ações e práticas cotidianas da sociedade, ou seja, sua cultura encontra-se imersa nestes mecanismos de aquisição de bens, seja para satisfação de necessidades básicas ou supérfluas ou simplesmente para colecionar atos de consumo, alinhando-se com as ideias de Jameson, Baumann e Baudrillard.

a ser objeto de desejos e veículos de aceitação e inclusão nos grupos de amigos.

Temos exemplos de programas infantis que capturam as crianças de tal maneira que estas passam a ter características de performatividade, passando a vestir-se como os personagens, falar como eles, agir sobremaneira como estes e pensar nas idéias trazidas por estes como se fossem as suas próprias – na verdade passam a ser. Dessa maneira, a criança consome artigos como nunca antes havia consumido, gerando grandes lucros às corporações que se focam nesse público alvo.

O que mais chama a atenção, porém, é que a criança, mesmo sendo vista como o capital humano do futuro<sup>4</sup> não possui renda e, mesmo assim, acaba consumindo através de seus pais que procuram fazer-lhe as vontades ou proporcionar-lhe prazeres que não tiveram oportunidade de possuir por terem nascido em outros tempos onde o mundo ainda não era tão focado no consumo como nos dias atuais (aliás, esse mesmo já é um dos argumentos que fomentam o consumo para o público infantil).

### **A Infância como experiência**

Uma maneira de propormos novos olhares sobre o tema da infância segue a ideia de Veiga-neto (2007), que declara:

Todos nós que hoje exercemos a docência ou a pesquisa em

---

<sup>4</sup> Esta ideia de capital humano vem ao encontro do que pensa Davenport ao referirem-se as habilidades, comportamentos, energia pessoal e tempo que as pessoas possuem e dedicam-se nos seus trabalhos, o que pode, obviamente gerar lucros ao empregador.

Educação tivemos uma formação intelectual em moldes iluministas. Uma das conseqüências disso é que talvez não estejamos aptos para enfrentar, nem mesmo na vida privada, as rápidas e profundas mudanças culturais, sociais, econômicas e políticas em que nos achamos mergulhados (...) por isso penso que se deve desconfiar das bases sobre as quais se assentam as promessas e as esperanças nas quais nos ensinaram a acreditar. (Veiga-Neto, 2007 p.23, grifo nosso).

Seguimos, então, nesse esforço de desconfiança, procurando reconhecer o que nos foi ensinado ao longo dos estudos acadêmicos de uma maneira um pouco mais incrédula, percebendo, conforme aponta BUJES “(...) como uma tradição teórica modela o nosso pensamento, como nos guia tanto em relação ao que pode ser dito quanto ao modo como se pode falar de um objeto.” (p.183) O mesmo se dá em relação ao conceito de infância discutido neste artigo. Os conceitos mais tradicionais levam a esta infância aliada à questão cronológica e às fases do desenvolvimento do ser criança, criando um molde muito firme para nortear nossas ideias nestes aspectos.

O que gostaríamos de propor à discussão agora, porém, é o conceito de infância como experiência, que, desconfiando das formas mais tradicionais de conceber a infância rompe com elas e nos abre outras frentes para pensá-la. Abandona-se aqui tanto a ideia de um tempo cronológico ou de uma etapa, marcada por uma série de características para traduzi-la como experiência marcada por vivências e atitudes infantis. Experiências estas que, conforme ABRAMOVICZ (2006), “[...] pode ou não atravessar os adultos e pode ou não atravessar as crianças.” (p.321). Ou seja, tanto pode o adulto vivenciar experiências da infância como a criança passar por esta etapa de sua vida e não tê-las experienciado. Ambas as situações são merecedoras de análise, pois recolocam os personagens em

situações anormais no contexto atual em que vivemos. Segundo KOHAN (2004):

Essa é a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação. (...) É a infância como intensidade, um situar-se intensivo no mundo; um sair sempre do "seu" lugar e se situar em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados. (KOHAN, 2004, p.7).

Analisemos a figura do adulto, absorvido numa rede de conceitos bem tramados e estabelecidos que nos impõem jeitos de ser, agir e pensar. Ao propiciar-se viver experiências desta infância, desapegando-se destas questões que o tempo e o capital impõem, constituindo sentimentos e atitudes de criação e invenção, num tempo mais ampliado e prazeroso (típicos da infância dita normal<sup>5</sup>), será visto como um louco, abobalhado, enfim, um anormal. Ao construir esse texto procuramos ter algumas atitudes, falar coisas mais descontraídas e deixar um pouco de lado as pressões que o nosso mundo adulto nos impõe. Tratamos de sair dos nossos lugares de adulto e nos propor outras vivências (ou as mesmas vivências de modo diferente) e constatamos que recebemos alguns olhares de preocupação sobre nossas condutas, tamanho foi o estranhamento causado por algumas atitudes.

É no crescimento da criança e em sua trajetória no despontar da existência<sup>6</sup> que se travam as primeiras e significativas experiências da vida. Experiências que nos envolvem e nos perpassam, afetando nossos sentidos e a forma como agimos. A própria

<sup>5</sup> Ao utilizarmos os conceitos de normal e anormal, entendemos, de acordo com o filósofo Michel Foucault, existir um esforço de normalização onde procura-se classificar e alocar os seres e suas práticas em condições padronizadas, seguindo uma norma.

<sup>6</sup> Casimiro de Abreu.

aquisição da linguagem pode ser descrita como uma dessas experiências e afirma a posição da infância como “condição de ser afetado que nos acompanha a vida toda” (KOHAN, 2003, p.239). Concordamos com o autor e destacamos a importância de percebermos e nos dispormos a ser tocados durante todas as etapas de nossa vida. A possibilidade de posicionar o conceito de infância não somente como etapa única e fase inicial da vida, do sujeito criança, não elimina esta condição, porém a amplia e faz com que a infância seja sim reconfigurada. De acordo com KOHAN (2003):

Num certo sentido estamos sempre aprendendo a falar (e ser falados), nunca “sabemos” falar de forma definitiva (ou somos totalmente “sabidos” pela linguagem) nunca acaba nossa experiência (infância) da e na linguagem. Quando acreditamos sabê-lo todo, nos voltamos natureza. Sem experiência da infância, somos natureza inerte, normalidade não-modificável, mas não poderíamos ser historicidade sempre modificável. Desse modo, experiência e infância (experiência da infância, infância da experiência) são condições de possibilidade da existência humana, sem importar a cronologia nem a idade (Kohan, 2003, p.244, grifo nosso).

### **A Infância do futuro**

Existe toda uma gama de conceitos, palavras e características que envolvem a infância e o mundo infantil, com os quais nos deparamos diariamente e lidamos de forma automática. Porém, hoje sabemos que estes conceitos foram sendo criados, ou inventados historicamente, com o desenrolar dos múltiplos acontecimentos vivenciados pelas sociedades e que foram se perpetuando e transformando com o envolvimento nas mais diversas culturas.

Enfim, uma dessas ideias que encontramos muito presente nos dias atuais é a visão da infância e da criança como um ser associado a ideia de um futuro melhor. Muitos pais e até mesmo educadores enxergam na criança, a real projeção de um futuro melhor. Larossa (1998) comenta que “convertemos a infância na matéria-prima para a realização de nossos projetos sobre o mundo, de nossas previsões, nossos desejos e nossas expectativas sobre o futuro” (p.235).

Esta ideia que enfatiza o futuro ganha força a partir do conceito de progresso fortalecida e reafirmada na Modernidade que considera o porvir sempre melhor, mais evoluído e digno de importância maior que o presente. Segundo alguns estudos filosóficos esta ideia já havia sido explicitada desde os tempos da filosofia grega.

O próprio Platão já demonstra, em suas obras, como A República, uma preocupação com as crianças que serão o futuro da polis. Kohan (2003), ao referir-se a essa idéia de criança da polis, presente nessa obra, nos diz:

Neste registro, as crianças não interessam pelo que são – crianças -, mas porque serão os adultos que governarão a pólis no futuro. Nós, os adultos do presente, os fundadores da polis, os que sabemos da ausência de certezas e os riscos desse chegar a ser, queremos o melhor para elas. Isto é, a uma só vez, o que nós consideramos melhor, o que não pudemos ser, mas queremos fazer com que elas sejam. (Kohan, 2003, p.58)

É fascinante observar como essas ideias ainda possuem força no discurso contemporâneo, o quanto ainda se vê e se projeta na criança a ideia de um futuro melhor ou de uma sociedade melhor. Não é nosso interesse criticar e nos posicionarmos contrários a esta ideia, somente analisá-la quanto à sua potência, constituição e inserção nos

discursos. Porém, acreditamos, todavia, que essa visão de progresso que privilegia o futuro em detrimento do presente e do passado, fazendo com que se coloque um rótulo de menor valor nas coisas do presente (e do passado) deve ser vista com cuidado. Isso poderia ter influenciado a não valorização de nossos idosos e, até mesmo, contribuído para a constituição dessa cultura da obsolescência em que estamos envoltos. Outra ilusão embutida nessa ideia é a visão de que num futuro tudo se solucionará, atingirá a perfeição. Algo como uma visão prometeísta do futuro.

### **A Infância ciber**

Uma das questões que hoje atravessa a infância e, faz com que outro tipo de criança possa surgir é o grande aparato de dispositivos eletrônicos que veiculam informações digitais e que é utilizado precocemente pelas crianças. Seu uso causa polêmicas e mal-estar para pais e educadores em particular. Estas são as chamadas crianças digitais ou ciber, que nasceram numa época onde a internet já existia e tinha revolucionado a nossa vida e o nosso modo de ser de várias maneiras.

Mesmo que, muitas vezes contrariados, ou simplesmente sem saber como agir, na grande maioria das vezes, estes aparelhos são inseridos nas vidas das crianças pelos seus pais, que enxergam nesta prática uma tendência de acompanhar as mudanças promovidas pela mídia e fazer uso de novos objetos de consumo.

O acesso a um número sem medida de informações e uma

diversidade de linguagens e ferramentas de comunicação que se apresentam neste novo pacote tecnológico, inclusive compartilhado mundialmente via world wide web, coloca a criança num outro status nunca antes visto na história da humanidade. A criança passa a ser, em muitas ocasiões, a protagonista no uso de alguns aparelhos, cabendo a ela a tarefa de se apropriar de todos os recursos e utilidades deste e, então educar aos demais (e aí se encontram os pais) sobre o seu uso.

Um autor que se refere a esta infância é Mariano Narodowski (2013), que se refere à mesma como hiperrealizada e cita:

A infância hiperrealizada é um tipo de infância 3,0. As crianças conectadas 24 horas por dia a vários dispositivos a que têm acesso: smartphones , tablets , Smart TV , video games, para mencionar apenas alguns . Crianças digitais para as quais é impossível imaginar-se em um mundo em que essa informação, e o próprio mundo não estivessem ao alcance da sua mão através da Internet . Crianças que vivem na mais absoluta imediatez, no cumprimento imediato do desejo (NARODOWSKI, 2013, p.25).

Mas como lidar com essa criança? Impedir o uso das novas tecnologias? Deixar que façam uso desmedido das mesmas? O que isso pode acarretar na vida de meu filho (a)? São perguntas recorrentes e que atormentam a mente de

muitos pais nos dias atuais. Ao que tensionamos que, retirar da vida destas crianças que possam fazer uso destes recursos típicos de sua geração seria como que descaracterizá-los e desarticulária a sua própria noção de pessoa, uma vez que estão sujeitos a estes fatores e seu modo de viver e ser já se encontram fortemente hibridizados por tais usos. Seria, a nosso ver, mais ou menos como impedir que as crianças das décadas de 70 e 80 em nosso

país, deixassem de brincar na rua.

Um aspecto ainda mais grave: como fica a situação da escola ao receber estes novos ciber alunos? Estaria esta apta ou preparada para lidar com essa nova infância? Recordamos que a escola ainda hoje procura reproduzir o modelo da escola Moderna, criada para uma sociedade disciplinar onde havia todo um investimento em tecnologias de governo ou governo<sup>7</sup> das condutas através das disciplinas que articulavam o poder e os saberes que envolviam a escola.

Porém, hoje a sociedade é outra, tivemos a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, ao mesmo tempo em que, por outra análise, saímos da lógica da sociedade de produtores para a sociedade de consumidores. E a escola, como acompanhou essas transições? De forma geral, salvo raras exceções, não se modificou. O que a torna extremamente desinteressante para estas novas crianças que nos chegam e para as quais queremos ensinar algo. Alguns autores falam na crise da escola, acredito que deveríamos estar falando na reconfiguração da escola e espero que, em breve esta comece a delinear novos formatos em seus processos de ensino e aprendizagem.

### **Para efeito de fechamento**

Ter a pretensão de concluir ou fechar um texto que venha a problematizar a infância é, no mínimo, irônico. Uma vez que, na medida em que a sociedade se modifica, que as práticas culturais se reconfiguram e suscitam novos

---

<sup>7</sup> Por governo entendemos o conceito do filósofo Michel Foucault de conduzir as condutas das pessoas através de inúmeros mecanismos e engrenagens, diferenciando do conceito de governo.

modos de ser e viver, também a infância, ou as infâncias, são impactadas. Assim, novas crianças fruto desses novos tempos sempre suscitarão novos olhares, novas pesquisas e novas escritas na tentativa de contemplar e tentar entender “esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua” (LAROSSA, 1998, p.229).

Compartilho da ideia de que estas inúmeras infâncias, cronológica, histórica, com etapas de desenvolvimento bem demarcadas, progressiva, vista como experiência, desrealizada, hiperrealizada ou ciber, não são opostas, mas convivem entre nós simultaneamente. Nunca quisemos aqui defender um conceito em detrimento de outro, mas sim levantar novas possibilidades de se pensar sobre o tema.

Ressaltamos, neste momento, a título de fechamento, ainda que provisório, a ideia do devir-criança de Deleuze (1997 a) que diz que “O devir- criança é o encontro entre um adulto e uma criança” (p.11). É na ideia deste devir-criança onde o ser adulto se encontra com o ser criança que existe em nós que nos devemos por a pensar e nos propor um novo olhar e nova reinvenção sobre essa tão falada infância.

## Referências

ABRAMOWICZ, A. **Educação infantil e a escola fundamental de 9 anos**. In: Olhar de Professor, ano/vol. 9, número 002. Universidade de Ponta Grossa, Brasil, pp.317-325

AGAMBEN, G. **Infância e história**. Buenos Aires:Adriana Hidalgo, 2001/1978, p.7

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981, p.50-57.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BUJES, M. I. E. **Infância e Maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BUJES, M.I.E. **Infância e poder: breves sugestões para uma agenda de pesquisa**. In: COSTA M. V; BUJES M.I.E.(orgs.) Caminhos Investigativos III. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.183.

COSTA, M. V. **Novos olhares na pesquisa em educação**. In: COSTA, M.V. (org.) Caminhos Investigativos I. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p.17.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. IV. São Paulo: Editora 34, 1997<sup>a</sup>, p.11.

KELLNER, D. **Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna**. In: SILVA, T.T. (org.) Alienígenas na Sala de Aula. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p.113.

KOHAN, W. O. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.239.

KOHAN, W. O. **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p.7.

KRAMER, S. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. In:

Seminário Internacional OMEP. *Infância – Educação Infantil: reflexões para o início do século*. Brasil, jul. 2000.

LAROSSA, J. **O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro**. In: *Pedagogia Profana*. Porto Alegre: Contrabando, 1998, p.183-198.

MAYALL, B. **Children, Health and the Social Order**. Buckingham: Open University-Press; 1996, p.1

NARODOWSKI, M. (2013). **Hacia un mundo sin adultos. Infancias híper y desrealizadas en la era de los derechos del niño**. *Actualidades Pedagógicas* (62), 15-36.

POSTMAN, N. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999, p. 142.

VEIGA-NETO, A. **Olhares...** In: COSTA, M. V. (org.) *Caminhos Investigativos I. Novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p.23.